

A REPRESENTAÇÃO HUMANA NA ARTE MARAJOARA¹

Denise Pahl Schaan

Arte Pré-Histórica

Estudos sobre a arte pré-histórica costumam descrever, classificar, comparar e discutir as manifestações artísticas em sociedades conhecidas arqueologicamente. Em vista da necessidade de descrição dos símbolos visuais, geralmente as temáticas observadas são divididas em quatro grandes categorias: a) as figuras antropomorfas (que lembram na sua forma a figura humana); b) as figuras zoomorfas (na forma de animais); c) as figuras fitomorfas (na forma de plantas); e d) os grafismos (que não possuem referencial conhecido e que por isso são muitas vezes descritos como *desenhos abstratos* ou *figuras geométricas*).

As representações de humanos, animais e plantas, quando muito semelhantes aos modelos reais, são chamadas de representações *realistas* ou *naturalistas*. Estas não devem, no entanto, serem tomadas como retratos da realidade. Estudos realizados entre sociedades iletradas em diversas partes do mundo têm demonstrado que as representações naturalistas, juntamente com os grafismos, são utilizadas para veicular idéias, para narrar estórias mitológicas, ou ainda para simbolizar parentesco ou filiação a determinado grupo social. Assim sendo, representam formas de pensar, de conceber o mundo, de entender os papéis sociais - ou seja, representam *visões cosmológicas* dentro de um contexto cultural específico. Vista dessa maneira, a arte cumpre o papel de trazer para o mundo dos objetos, tornando visual e concreto aquilo que antes estava no plano do pensamento (Geertz 1983).

A representação de animais sempre ocupou um papel importante na temática dos povos indígenas, pois estes vêem os humanos e animais como possuidores de uma

¹ Texto escrito para a exposição **Marajó: Retratos no Barro**, Museu de Arte de Belém, 1999.

mesma natureza, tendo os animais um papel fundamental dentro da estória do grupo social. O papel central, portanto, ocupado por figuras humanas na cerâmica de diversas sociedades agricultoras amazônicas durante o milênio que antecedeu a conquista européia, pode estar relacionado, segundo Roosevelt (1991) à concentração do poder político nas mãos de uma elite que necessitava de constante sustentação ideológica. Esta situação, observada em sociedades agriculturalistas e sedentárias, contrapõe-se, segundo a autora, a sociedades baseadas na caça, onde as imagens de animais seriam mais importantes. A arte tem, portanto, um papel ativo na sociedade, não somente porque uma dada situação influi na produção dos objetos materiais, mas porque os próprios objetos são utilizados para a legitimação simbólica da ordem política, econômica e social.

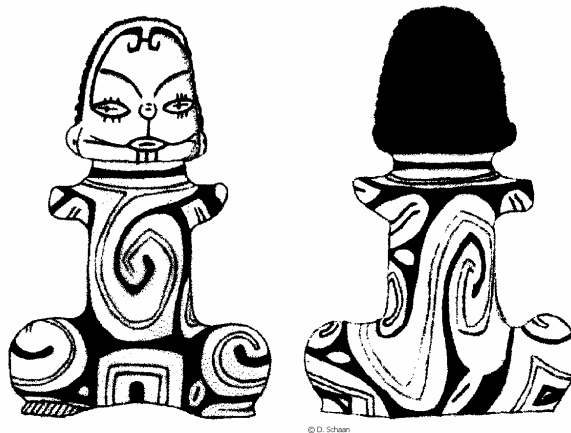
A figura humana na arte indígena é, em um sentido amplo, uma **auto-representação**, por ser a maneira particular pela qual um grupo social concebe e expressa através de técnicas corporais, sonoras, construtivas ou plásticas a imagem física e espiritual que possui de si - em função de suas diferenças com relação a outros grupos humanos e seres da natureza. Estudando esta auto-imagem podemos identificar algo que é característico e particular em cada cultura - o **estilo estético**. Um estilo estético nada mais é do que uma linguagem, no sentido em que veicula mensagens que são compreendidas por todos os membros de uma sociedade. Como a linguagem escrita ou falada, o estilo estético é um sistema coerente, que possui um determinado conjunto **finito de signos** (imagens, desenhos, cores, sons e cheiros) que, ao se combinarem, tem a capacidade de expressarem **infinitas idéias**.

O Humano e o Animal na Arte Marajoara

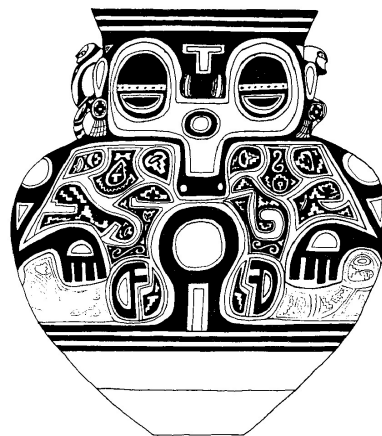
A representação de humanos e animais na arte Marajoara acontece não apenas em sua forma naturalista, mas também de forma **icônica**, ou seja, por meio de desenhos (grafismos) bastante estilizados, ou simplificados, nem sempre reconhecíveis à primeira vista, mas nos quais podemos identificar os traços básicos de olhos, bocas, sobrancelhas, narizes ou partes do corpo.

A relação que se observa do humano com as representações de animais na iconografia Marajoara se dá basicamente de três maneiras: na primeira, o animal (por exemplo, a serpente) confunde-se com a pele do indivíduo, ocupando todo o seu corpo; na segunda, o animal e o homem ocupam o mesmo corpo, resultando em um personagem híbrido; no terceiro, o animal e o homem ocupam espaços distintos, mas, em alguns casos, complementares sobre a mesma vasilha. Muitas vezes estas três formas de representação se superpõe em um mesmo objeto, o que torna difícil separá-las, como veremos nos exemplos a seguir.

A forma da vasilha cerâmica em muitos casos é usada para reproduzir partes do corpo humano, onde identificamos a cabeça, ou somente a face, e braços (as pernas aparecem raramente). Provavelmente a intenção era tanto a de representar o humano como a de humanizar o objeto, uma vez que esse teria um papel ritual a cumprir. As indicações de sexo, quando existem, são predominantemente femininas e constituem-se de vagina, seios, úteros e ventres grávidos. A representação do masculino aparece na forma do falo, que dá a forma a estatuetas com características físicas femininas (ver figura abaixo). Estes objetos são ocos e possuem pequenas pedrinhas em seu interior, que produzem som quando agitados. A decoração mais comum sobre essas estatuetas constitui-se de espirais que representam duas serpentes enroladas, que geralmente se diferenciam pela cor ou pequenos detalhes do desenho. Uma vez que as mesmas serpentes são representadas sobre a superfície de urnas ou sobre faces humanas em vasos, imagina-se que estes desenhos eram também utilizados para a pintura corporal.



Outra classe de objetos que possuem características antropomórficas são as urnas funerárias. Além de serem tipicamente femininas, as urnas funerárias são também decoradas com figuras de animais, tais como serpentes, urubu-rei, escorpiões etc. Na urna característica dos tesos-cemitério do alto rio Anajás (ver figura abaixo), a figura feminina também lembra uma coruja, o que podemos perceber pela estrutura da fronte, da linha supra-ocular, pálpebra e, em alguns casos, mandíbula superior, além do formato geral do corpo (Schaan 1996). Para diversas culturas amazônicas, a coruja simboliza a morte. Netto (1885), observando que em diversos casos os olhos apresentam-se em alto relevo, são arredondados e estão semi-cerrados, sugeriu que estes representavam o sono ou a morte.



Nas representações apenas de cabeças ou faces humanas, essas ocupam sempre uma posição de destaque sobre as vasilhas: cabeças surgem como apêndices em pratos, com suas faces voltadas para cima ou para o interior do prato; quando estão representadas apenas as faces, estas aparecem sobre a parte mediana e superior de vasos e tigelas ou sobre o suporte de bancos. Essas localizações centrais são indicações da importância do humano na cosmologia Marajoara. Conjuntos compostos apenas por boca e olhos incisos ou pintados também são constantes, em grande parte dos vasos, tigelas e pratos.



Onde percebemos a convivência entre imagens humanas e animais sobre uma mesma vasilha, a imagem humana surge principalmente na forma de faces com olhos e boca que quase passam despercebidos em meio ao campo decorativo, ao passo que em alguns vasos há olhos próximos à borda. Animais, nesses casos, são representados de forma naturalista, como apliques ou apêndices, e as espécies que podem ser identificadas são o jacaré, a serpente, a tartaruga, pássaros e macacos.



Arte e Mitologia

Diversas sociedades indígenas amazônicas possuem histórias mitológicas que envolvem uma serpente ancestral (ou outro ser que cumpre o mesmo papel), de cuja pele foram copiados os desenhos que são tidos como característicos do grupo. Na mitologia Marajoara a serpente seria também um personagem fundamental, dada a sua presença constante. Essa serpente tem sua imagem projetada (de diversas formas) sobre praticamente todos os objetos, ligando-se, pelo menos em alguns casos, à idéia de fertilidade, nascimento ou concepção (como por exemplo mostra na estatueta acima sua

posição sobre o ventre).

Por fim, o hibridismo na representação, ou seja a representação do humano e animal como um só ser - muitas vezes surgindo como metades, em apêndices meio-humanos, meio-animais, ocorre também em outras sociedades indígenas, e relaciona-se geralmente ao sobrenatural. Na cerâmica Marajoara, observamos as representações de homem-felino, homem-tamanduá ou homem-jacaré. Além disso há vasos de formato semelhante a aves como a marreca-cabocla, o irerê ou o pato-de-crista (ver figura abaixo), mas que possuem cabeça com feições humanas. Também sobre o corpo desses personagens encontra-se a representação da serpente.



A Construção do Corpo

O exame das representações humanas na cerâmica Marajoara também nos informa sobre a maneira pela qual aquelas populações adornavam e transformavam seus próprios corpos. Observa-se o uso de discos redondos introduzidos nos lóbulos das orelhas, dos quais pendiam penas de pássaros; o uso de adorno labial ou de algum tipo de adorno ou pintura sobre o maxilar; uso de pintura facial; e uso de adornos sobre a cabeça e cabelos. Várias cabeças de cerâmica são disformes, alongadas ou achatadas, e deformações semelhantes foram constatadas em crânios provenientes dos tesos do Marajó (Palmatary 1950; Roosevelt 1991). Sabe-se que a prática da deformação craniana era comum e foi constatada por espanhóis e portugueses em contato com várias populações indígenas da várzea amazônica nos séculos XVI e XVII.



Assim como a arte Marajoara mostra uma decoração complexa, com a utilização de várias técnicas, cores e texturas sobre um mesmo objeto, provavelmente também os indivíduos personagens centrais em determinadas ocasiões rituais e em papéis sociais específicos deveriam transformar exageradamente seus corpos. A estética Marajoara mostra, nesse sentido, uma supervalorização da fabricação do corpo em seus mínimos detalhes e a intervenção sobre todos os detalhes anatômicos, com transformação das formas físicas (deformação craniana, introdução de objetos nos lóbulos das orelhas e queixo), construção da pele (pintura e escarificação) e atuação simbólica sobre as propriedades dos sentidos (modificação de olhos, bocas e orelhas).

A produção do corpo humano na cultura Marajoara, observada através da cerâmica, retrata, como em outras sociedades indígenas, a reconstrução (o tornar-se humano) passo necessário para a socialização do indivíduo. Essas transformações são gradativas, assim como o são os estágios naturais do crescimento. Como as transformações físicas naturais não são suficientes para demarcar os novos estágios da vida frente ao grupo social, o corpo precisa passar por "*processos intencionais, periódicos de fabricação*" (Viveiros de Castro 1987:31).

Arte Marajoara no Contexto Amazônico

Comparando-se a cerâmica Marajoara a outras cerâmicas contemporâneas a ela, notamos diversas características comuns. A cultura Santarém, por exemplo, possui também estatuetas com bases em forma de meia lua, personagens com mãos à boca, a posição sentada ou de cócoras. Em sítios da região do rio Maracá, no Amapá, também

encontra-se enterramentos em urnas, onde o personagem humano encontra-se sentado sobre banquinhos, com mãos apoiadas sobre os joelhos. Urnas funerárias que combinam figuras femininas e aves também são encontradas no baixo Amazonas (Miracanguera) e no norte da Colômbia (Tairona).

O enterramento em urnas (femininas ou não), a existência de estatuetas femininas, a utilização recorrente de imagens humanas e antropomorfização de vasilhas - tudo isso faz parte de um conteúdo simbólico supra-regional. No entanto a presença desses elementos, notadamente comparando-se a cultura Marajoara às demais culturas Amazônicas, supera em muito o aparente compartilhamento de itens e conceitos simbólicos. Na verdade, mostra a existência de uma economia simbólica com importantes consequências em nível de organização política intra e interregional, ou seja, a legitimação da ordem social dependia também de negociação política externa.

A cultura Marajoara desenvolveu-se em um momento de florescimento de sociedades complexas na bacia Amazônica, período em que acredita-se havia importantes redes de trocas que funcionavam a consideráveis distâncias (Porro 1987, 1992). Isso obviamente implica também em trocas culturais e uma permeabilidade cultural a valores simbólicos de origem externa. Nesse sentido, é natural que um sistema simbólico abrigue e veicule conceitos cosmológicos compartilhados por várias culturas (mesmo distantes) e que determinados caracteres visuais tenham sido tornados de empréstimo de outras culturas.

Ter consciência desses fenômenos de empréstimo e partilhamento de símbolos é especialmente importante quando se trata de definir um estilo estético como algo próprio de determinada cultura, pois nem tudo o que entendemos como característico e frequente pode necessariamente ser usado para distinguir uma cultura de outra.

O grande gasto de tempo e recursos humanos na manufatura da cerâmica, uma atividade não essencial, sugere que na sociedade Marajoara havia a divisão de tarefas sociais. A demanda de bens simbólicos nesse contexto, indica a existência de uma sociedade hierarquizada, que necessitava de permanente suporte e legitimação simbólica.

Estudar a arte nas sociedades pré-históricas não significa apenas descrever estilos estéticos, mas entender como estes se relacionavam com a vida social. A arqueologia proporciona a oportunidade de entender no tempo e no espaço os momentos de maior dispêndio de tempo e recursos para a produção de bens simbólicos, os locais privilegiados para a produção e desenvolvimento das atividades artísticas e os locais de uso dos objetos produzidos. As transformações sociais estão marcadas nos objetos artísticos, que são verdadeiros textos culturais à nossa disposição e, portanto, fontes de informação privilegiada sobre a vida social e o comportamento cultural das sociedades do passado.

Referências Bibliográficas

Geertz, C.

1983 *Local knowledge : further essays in interpretive anthropology*. Basic Books, New York.

Netto, L.

1885 Investigações sobre a Arqueologia Brasileira. *Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro* 6: 257-554.

Palmatary, H. C.

1950 The pottery of Marajo Island, Brazil. *Transactions of the American Philosophical Society* 39(3).

Porro, A.

1987 O Antigo Comércio Indígena na Amazônia. *Leitura* 5(56): 2-3.

1992 História Indígena do Alto e Médio Amazonas. Séculos XVI a XVIII. In *História dos Índios no Brasil*, edited by M. C. Cunha. Companhia das Letras, Fapesp/SMC, São Paulo.

Roosevelt, A. C.

1991 *Moundbuilders of the Amazon : Geophysical Archaeology on Marajo Island, Brazil*. Academic Press, San Diego.

Schaan, D. P.

1996 *A Linguagem Iconográfica da Cerâmica Marajoara*. Dissertação de Mestrado, PUC/RS.

Viveiros de Castro, E.

1987 A fabricação do corpo na sociedade Xinguana. In *Sociedades Indígenas e Indigenismo no Brasil*, edited by O. Filho. Marco Zero, Rio.